

Lindos Contos de Natal
E Deus me deu mais um natal para
viver.
Obrigado Senhor!



Contos do Chefe Osvaldo.

É natal. Ficamos centenas de dias esperando. Sempre a dizer: - Quando o Natal chegar eu... Todo ano é assim. A data é santa, é a virada de um ano. Alguns preferem o Ano Novo. É como se fosse um dia mágico – A partir de hoje tudo vai mudar em minha vida! Será? Pode até ser que não, mas pelo menos há esperanças e as esperanças são as últimas que morrem. Nestas datas fazemos sempre uma retrospectiva do ano que passou. Para alguns bons para outros nem sempre. Ficaram marcas no meio do caminho. Sempre ao virar o ano eu me lembro de uma linda canção que um dia cantei a mais não poder: - Marcas do que se foi! Ela sempre dizia tudo que eu pensava do ano que terminava e minhas promessas para o ano que se inicia. Ela pedia paz no meu coração e de todos, dar as mãos sem escolher a quem, amigos e inimigos, o tempo passa e sempre devemos caminhar todos juntos, sabendo que nossos passos pelo chão irão ficar.

E a linda canção tinha mais, tinha sonhos que vamos ter, sonhos que todo dia nasce em cada amanhecer. Sabemos que o tempo passa e com ele caminhamos juntos neste mundo, sem parar, vendo que nossos passos pelo chão vão ficar. É bom ter esperanças, saber que podemos mudar. Não foi nosso amigo Chico que dizia sempre? Tudo nesta vida passa, o que aconteceu de ruim também passará. Estamos se abrindo, para um novo mundo, uma nova era, devemos escolher ser bons e ir para o caminho certo de Deus e dar amor e caridade ao seu próximo. Nunca é tarde para corrigir nossos erros e recomeçar, quem sabe esquecer o passado e começar tudo do zero? Não existe

impedimento nenhum neste mundo para recomeçar. Como ele dizia, sabemos que não podemos voltar atrás e fazer um novo começo... Mas sabemos que podemos começar e fazer um novo fim. Natal, Ano Novo. Quem sabe todos os dias nós podemos dizer isto a nós mesmos?

Natal... Ano Novo... Um dia qualquer perdido e lembrado em determinada data do ano. Ainda bem que a maioria dos humanos tiram estas datas para sorrir para festejar, para ouvir as musicas maravilhosas de natal. Elas aparecem do nada e cantam em minha mente. - ¶Então é Natal, e que a gente fez? – O ano termina, e começa outra vez¶ - Gosto do natal, não sei quantos ainda terei em minha vida. Em cada um sempre surge um fio de esperança, uma vontade imensa de recomeçar, de pedir a Deus forças para prosseguir. Dizem que melhor que todos os presentes é ver uma família reunida e feliz neste dia. Eu acho que sou feliz. Ainda tenho o amor de todos eles. Gostaria que você também fosse feliz. Que os sonhos não realizados se realizem e eu sei que haverá um pedacinho do céu lá em cima para você. Não existem limites para ser feliz, para sonhar, para desejar um Natal lindo, não só para nós mas para todos os povos do mundo!

Feliz Natal meus amigos. Que o novo ano que se aproxima possa ser aquele que você sempre esperou. Meu abraço fraterno e meu Sempre Alerta!



Contos de natal. Os sete filhos de Moisés.

Foi um natal inesquecível. Nunca mais em minha vida eu esquecerei aquele 24 de dezembro ao pé do monte Canaã. Bem próximo fluindo do sul do Mar da Galiléia, o Rio Jordão viajava portentoso para terminar a muitos e muitos quilômetros no Mar Morto. Eu nasci a noroeste do Mar Morto, em Israel cidade abrigada por montanhas centrais e que até hoje faz parte da história do Velho Testamento. Canaã era uma cidade pequena, aprazível e lindamente florida. Na Rua dos Reis Magos morava Moisés, um homem alto, forte e ninguém dizia que ele tinha mais de 100 anos. Moisés tinha um sorriso franco, e todos os habitantes de Canaã juravam que ele nunca tinha mentido. Zípora sua esposa havia morrido e o deixou com seus sete filhos seis homens e uma mulher. Todos quase da mesma idade, pois havia dois pares de gêmeos Thiago e João Lucas, Davi e Josué. Só Ismael Ruth e Israel não eram gêmeos. Conta uma lenda que

Deus por meio do seu espírito tomou a forma humana para abençoar e batizar os filhos de Moisés.

Aarão era o Chefe Escoteiro que me contou está história. Foi numa tarde quente que parei em sua Taberna vazia e ele com um sorriso franco me convidou a entrar e sentar em uma mesa com uma visão fantástica do Mar Morto. Aarão falava baixo, voz rouca e vestia um saiote escocês que até hoje não sabia o porquê. Confesso que não perguntei. Escoteiros se descobrem facilmente. Em qualquer lugar um sinal surge e um sempre alerta aparece sorrindo. Convidou-me para pernoitar ali à noite, ele quase não tinha ninguém para papear e ele sentia falta de boas companhias principalmente as Escoteiras. Todos os viajantes e caminheiros invejavam os habitantes de Canaã. Uma cidade tranquila e motivo de ficar para sempre por muitos dos que vinham do norte. Notei que àquela hora da tarde não havia ninguém a vista e ele me disse que a maioria fazia sua “siesta” rotina de muitos que vieram da Mesopotâmia e que resolveram arrancar na cidade. Aarão era semita, oriundo da Babilônia bem próximo ao Rio Eufrates.

Nunca tinha sido Escoteiro. Resolveu fazer com um grupo de meninos uma Tropa e por imposição de muitos pais teve que aceitar algumas meninas. Moisés em pessoa chegou para falar com ele oferecendo ajuda e foi um baluarte na propagação do escotismo junto às autoridades locais. Inscreveu seus sete filhos e por votação eles decidiram ter sua própria patrulha a qual deram o nome de Garça Branca. Eu nunca tinha ouvido falar em uma patrulha formada por irmãos e me interessei pela história. Decidiram em conselho de Patrulha que o Monitor seria eleito conforme a atividade e situações adversas para que cada possa ter a experiência de um e outro quando houvesse necessidade de agir como um verdadeiro líder. Durante dois anos eles foram exemplos para os demais escoteiros. Nunca houve uma altercação, uma discussão, uma palavra áspera, pois levavam ao pé da letra a Lei Escoteira e sem esquecer também a Lei de Moisés. – Sabe amigo – Dizia Aarão, foi numa terça feira, férias escolares, cidade pachorrenta, só forte e temperatura alta que me pediram para acampar.

Moisés junto a eles sorria e dizia que decisões tomadas por escoteiros são decisões aceitas pelos adultos. – Aarão – dizia Moisés - Me prometeram que estariam de volta a noitinha do 24 de dezembro, pronto para a missa do galo que frei Kety ajudado por Ramsés um monitor da Águia iria celebrar. Nunca perderam essa missa e Moisés confiava nos seus filhos. Partiram ao alvorecer, ainda com o orvalho caindo nas montanhas do Monte Sinai. O dia prometia. Em fila alguns habitantes sorriram a vê-los passar cantando o Rataplã. Foi Ruth quem contou como tudo aconteceu depois. Mais de onze da noite do dia 24 de dezembro e eles não haviam chegado. – Chefe dizia Ruth, seguimos pelos Pirineus até a trilha do Monte Carmelo onde montamos o acampamento. Tudo transcorria bem e cada um de nós desenvolvia as pioneiras, as etapas da Primeira Classe e João Lucas a do Correia de Mateiro.

Na hora do almoço não vimos Israel. Isto não era comum. Davi usou seu apito sonoro, com três silvo breve e três longos e nada. Saímos em seu alcance. João Lucas era mestre em pista. Achou uma pegada que seria de Israel. Fomos a todos os lugares possível. Do alto do Monte Carmelo dava para avistar o Monte Tabor e até o Monte das Oliveiras onde Jesus fez seu sermão da montanha. As pistas eram fáceis de

seguir e nada de Israel. À tardinha antes do escurecer voltamos para o acampamento. Thiago chorava baixinho e eu também. Lágrimas corriam nos olhos de João Lucas, Josué e Ismael. Davi ajoelhou de cabeça baixa e começou a rezar. Ajoelhamos com ele. Eu pedi a Deus que o protegesse. Ele não queria vir ao acampamento, era o menorzinho dos irmãos. Mas como a maioria aprovou ele veio também. A noite foi chegando devagar. Não havia fome, não houve jantar. Não sabíamos o que fazer. Só Deus para nos ajudar.

Moisés na praça esperava inquieto a chegada dos seus filhos escoteiros. Não queria terminar sua vida assim. Pensou que Deus o abandonara, mas rezou de novo e acreditou na eternidade. Existem coisas que não entendemos. O modo como Deus trabalha. Quando não temos mais esperanças de sermos usados por Deus. Quando tudo diz que não há solução, quando não nos sentimos mais capazes de resolver o que tem de ser resolvido. Moisés amava seus filhos. Ele sabia que sua vida foi repleta de ensinamentos. Ele sabia que o modo como Deus o moldou e o fez capaz de criar seus filhos era maravilhoso. Ele sorria do verdadeiro Moisés das Taboas da Lei. Ele sabia que nunca foi abandonado e mesmo não sendo filho e neto de um rei ele soube criar seus filhos muito bem. Confiava neles, deu a eles os melhores ensinamentos, roupas, uma vida cristã invejável. Onde estariam àquela hora? – Deus! Oh meu Deus! Não posso perdê-los. Fazer de mim seu instrumento, fazei o que quiser, mas traga-os de volta para mim!

Os sete jovens ajoelhados em frente uma barraca, bem próximo ao Monte Sinai avistaram um imenso vermelhão no céu. Uma estrela enorme que iluminava tudo a sua volta. Descendo a montanha Israel vinha devagar, segurando um cajado e atrás dele viram três velhos pastores montados em camelos. Vestiam túnicas azuis, grandes barbas brancas, e o elevaram no ar até onde estavam. – Um deles falou como um rei dizendo – Está tudo bem, vão para casa, seu pai os espera na porta da igreja. Thiago, João Lucas, Davi, Josué, Ismael e Ruth abraçaram Israel. Um milagre aconteceu. Ele tinha caído em uma cascata de pedras e quebrara o joelho. Não podia andar. Os três homens que estavam montados em camelos o socorreram – Disseram para ele: - Vamos Escoteiro, vamos levar você aos seus irmãos. Temos pouco tempo, pois Jesus de Nazaré vai nascer! Levanta, sua perna está boa! Partiram sorrindo e lá no céu cantavam: £ “Jesus nasceu. O mundo vai mudar...” £. E foi assim que Melchior, Baltazar e Gaspar partiram pelo céu estrelado.

Voltei para casa pensativo. Seria verdadeira a história de Aarão? Perguntei a ele onde morava Moisés e ele sorriu sem me dar resposta. Até hoje me pergunto se poderia haver uma patrulha de irmãos. Não sei. Aarão me disse que sim. Bem quando tudo parece perdido, melhor é procurar refletir o que a gente sente e o que poderá ser.



Contos de natal. Priscila.

**Noite feliz! Noite feliz!
Oh, Senhor, Deus do amor
Pobrezinho nasceu em Belém.**

Antes fora uma favela. Ainda era só que melhorada. O sonho de todo jovem era sair dali, ir para outro bairro mais bonito, mais pacífico e onde não houvesse tantos marginais que se consideravam dono do lugar. Priscila sabia que só quando tivesse idade poderia procurar outro lugar para morar. Estudava muito. Acreditava que só assim poderia decidir sua vida. Não reclamava, não tinha como. Sua tia foi até bondosa a acolhendo quando sua mãe morreu. Seu pai sumiu e ela nem sabia onde andava. Negra, não se considerava bonita. Nariz fino cabelos encaracolados, mas ela mantinha um ar de menina orgulhosa sem fazer muitos amigos e sem conversar com ninguém. Era de sua casa a escola e algumas vezes a padaria quando sobravam alguns tostões para o pão de cada dia. Como toda criança dos seus doze anos tinha sonhos. A cada ano seu sonho mudava e outros chegavam para encantar suas noites quando pedia a Deus na hora de dormir que a protegesse sempre.

**Eis na Lapa Jesus nosso bem
Dorme em paz, oh, Jesus
Dorme em paz, oh, Jesus.**

Sua sala de aula não era grande, mas embolava mais de 40 alunos. Ela estava na quinta série e nunca repetiu de ano. Calada era bem quista por dona Rute sua professora. Foi ela quem a convidou para participar junto a outras meninas de aulas de dança clássica. Ela adorou. Nem disse para a tia. Ela não se interessava por nada que fazia. Se não fosse tão responsável estaria hoje entregue ao trafego com a bandidagem. Na primeira aula foi tão bem que a Professora Sarah lhe deu os parabéns. – Menina – Ela disse: - Você tem estilo, se quiser poderá ser uma grande bailarina. A principio a felicidade escondeu que era negra. Bailarina negra? Nunca tinha ouvido falar. Foi para casa cantarolando, pois agora seu sonho era outro. Balé Bolshoi? Ria entregue nos seus sonhos. Ela sabia que quando se quer tudo pode acontecer. Seria a primeira bailarina negra do Teatro Municipal do Rio de Janeiro. Na esquina da Ruela Monte Sinai sentiu

uma dor enorme abaixo do joelho. Viu que a carne de sua pele estava espalhada pela calçada. – Meu Deus! Uma bala perdida?

Noite feliz! Noite feliz!
Oh, Jesus, Deus da luz
Quão afável é Teu coração.

Acordou no hospital. Estava em uma enfermaria com mais oito pacientes. Não sentia seu pé direito. Tentou se mexer e não conseguiu. Quis chorar, mas disse para si que ela não tinha este direito. Sonhou e se não conseguiu realizar seu sonho tinha de dar a volta por cima. Mas não era fácil. Dois meses depois lhe deram alta. Uma enfermeira trouxe uma muleta para ela – Quando se acostumar você vai ver que é fácil. Sua tia não veio buscá-la. Ao sair na porta do hospital tropeçou em um menino. Viu que era um Escoteiro e estava correndo. Ambos caíram. Ele não teve nada e ela também não. Um olhou para o outro. O Escoteiro não sabia o que dizer. Ela sorriu mesmo sentindo dores. – Quem corre cansa – disse. O Escoteiro sorriu também. – Desculpe. A culpa foi minha! Ela não disse nada. Não poderia correr com eles. – Quer conhecer minha patrulha? Somos da Pantera, mas de paz! Ele disse. Porque não? Ele a apresentou aos cinco escoteiros da patrulha. Ela gostou de todos eles. – Vocês são bacanas, mas preciso ir para casa, minha tia está me esperando, tive hoje alta no hospital. Perdi um pé. Disse com a maior naturalidade.

Que quiseste nascer nosso irmão
E a nós todos salvar
E a nós todos salvar.

Foi o início de uma grande amizade. Foram com ela até sua casa. Convenceram-na a ser da patrulha. – Eu? Não posso, não posso correr brincar e acampar como vocês. – Pode sim disse Batuel. Nada impede você. Já estamos comprando uma nova perna mecânica. Conseguimos uma doação, você vai gostar, vai poder andar correr e acampar conosco. Foi o Chefe João Batista quem trouxe a perna mecânica. Maravilhosa. Priscila chorou de alegria. Abraçou a todos e começou a andar. Doía um pouco, mas em menos de uma semana acostumou. Em quatro meses Priscila dominava a perna mecânica com maestria. Andava e corria como qualquer menino. Thiago deu para ela um uniforme completo. Tinha dois. Ela fez a promessa e foi o dia mais lindo da sua vida. Não esqueceu seu sonho que um dia pensou em ser uma grande bailarina. Agora precisava refazer seus sonhos. Foi o Chefe João Batista que a apresentou ao professor e técnico de Handebol para pessoas especiais.

Noite feliz! Noite feliz!
Eis que no ar vem cantar
Aos pastores os Anjos do Céu.

O tempo passou. Priscila se dedicou como nunca a nova modalidade. Quando foi selecionada para participar de um campeonato estadual cantou aleluia! Agradeceu a Deus pela oportunidade. Um grande conglomerado financeiro financiou seu treinamento e a adotou com atleta. Quem quer anda quem não quer manda. Chorar por quê? Priscila fez seu próprio destino. Hoje está na seleção principal, não abandonou o escotismo. Fez

dele sua nova maneira de viver. Foi na noite de natal que ela e sua tia mudaram para a casa nova. Antes de entrar ajoelharam e rezaram na porta agradecendo a Deus. Batuel, e os amigos da patrulha continuaram seus amigos por toda vida. Paciência e perseverança tem o efeito mágico de fazer as dificuldades desaparecerem e os obstáculos sumirem. Cada lágrima ensina-nos uma verdade e Priscila venceu. Cair levantar tentar de novo. Ela sabia que as únicas desgraças são aquelas que nada aprendemos. A vida é assim, vence quem acredita e perde quem chora a derrota sem se levantar.

Letra e música - Anunciando a chegada de Deus. De Jesus Salvador

Tudo muda se renova, se refaz... Basta à gente querer...
Hoje mudei minhas estações... Mudei meu radio e minhas ligações
não tento nem ao menos mais entender, uso frases curtas, sigo sem você, e bem aqui
estou, livre como um pássaro, podendo voar aonde eu quiser...



Contos de Natal

O Tenente Dante da Marinha do Brasil teve sua noite de natal.

¶ Qual cisne branco que em noite de lua Vai deslizando num lago azul.
O meu navio também flutua Nos verdes mares de Norte a Sul. ¶

Fora seu sonho, desde criança sonhou em ser um marinheiro. Jurou que um dia seria. Resolveu ser Escoteiro do mar. Gostava de ficar na praia olhando o horizonte e vendo um ou outro barco passar. O seu chefe fora almirante, quantas histórias para contar. Quando eles acampavam ele ficava esperando a noite chegar só para sentar em volta de uma gostosa conversa ao pé do fogo e ouvir com a maior atenção as histórias do Chefe Mascarenhas. – Era uma vez... Ele assim começava as suas histórias. Era uma vez eu estava em uma pequena fragata. Navegamos em águas calmas proximo as

“Águas da Morte”. Diziam ser uma versão do Triângulo das Bermudas. Sempre contavam ser um lugar amaldiçoado.

- Nosso Almirante era um homem calmo e não acreditava em maldições e nada o assustava. Foi então que percebermos que fragata começou a girar, a girar e todos a bordo se agarraram e se amarraram onde fosse possível. Os ventos começaram a soprar forte. Relâmpagos cruzavam o céu. Havia uma mística que mesmo com águas calmas e tempo ensolarado de um segundo ao outro surgia uma maré. Ela quase destruiu nossa fragata. Eu achei que não ia viver. Todos nós achamos. E de repente, e de repente o sol voltou a brilhar. O vento ficou calmo e os trovões desapareceram. Eu nunca acreditei em coisas do outro mundo, mas daquele dia em diante nunca mais duvidei. – Todos nós Escoteiros do mar em volta do nosso Chefe ali na praia em uma conversa ao pé do fogo ficamos sem folego. – E o Chefe Mascarenhas completou – Quando retornamos ficamos sabendo que todos os anos, embarcações dos mais diferentes tipos afundam nas “Águas da morte”. Os que se acreditaram que com um dia calmo e mar azul poderiam atravessar se foram para sempre. Não sabiam que era um local voluntarioso, onde tempestades demoníacas ocorrem do nada, em dias de sol e de mar calmo!

**¶ Linda galera que em noite apagada Vai navegando num mar imenso
Nos traz saudades da terra amada Da Pátria minha em que tanto penso. ¶**

Eu fazia de tudo para aprender com meus chefes a arte de um escoteiro do mar. Fazia tudo para conseguir conhecimentos práticos e teóricos para conseguir as especialidades de Arrais Amador, Mestre Amador e Capitão Amador. Eu sonhava o dia que iria colocar meu uniforme de um Oficial da Marinha do Brasil. Meu Chefe me incentivava e me disse que se estudasse muito poderia entrar na escola especializada para formação de oficiais (EFOMM). Eu sabia que para entrar não era fácil e se conseguisse iria estudar em regime de internato por três anos. Se tudo desse certo poderia sair sendo um Oficial da Marinha. Não deu outra. Estudei e entre na escola de formação de oficiais. Sentia-me orgulhoso com o uniforme de cadete bem parecido com o meu de Escoteiro do mar. Era um cadete estudioso, prestativo e orgulhoso do que fazia. Em três anos me formei e após um treinamento como Fuzileiro Naval vesti meu uniforme de sub. tenente da marinha. Agora estava apto para começar meu treinamento naval. Valeu e muito. Adorava tudo. Era disciplinado e nunca disse não para as ordens dos meus superiores.

Eu amava o escotismo, mas nos primeiros meses não tive a menor condição de estar junto com meus irmãos Escoteiros. Dizem que a vida não é igual para todo mundo. Meu mundo era colorido e eu amava o que fazia. O que aconteceu então? Até hoje me pergunto por que caí naquele abismo sem fim. Conheci uma moça, linda, sabia tudo sobre escotismo e marinaria. Contava-me que seu pai foi um grande Almirante e faleceu sozinho em um quarto do hospital das forças armadas. Disse-me que seu pai morreu de AIDS. Isto irritou seus amigos. Eles não aceitavam. Eu me apaixonei por ela. Ela me vendia horrores da Marinha. O que eu amava eu passei a não acreditar mais. Não comparecia a ordem do dia e fui preso e expulso da marinha. Eu chorei como chorei. Mas Naldinha me consolava. Dizia que era melhor assim. Eu tentei voltar para os Escoteiros, mas meu próprio grupo não me aceitou. Ficaram sabendo do meu procedimento e diziam que um Escoteiro do mar não procede assim. Eu e Naldinha

começar a naufragar. Não no mar, mas nas asas do vício maldito. Ela morreu dois anos depois de uma overdose.

¶ Qual linda garça que aí vai cruzando os ares Vai navegando
Sob um belo céu de anil Minha galera Também vai cruzando os mares
Os verdes mares, Os mares verdes do Brasil.¶.

Um dia passei no portão do Grupo Escoteiro. A meninada do mar se divertia em um gostoso jogo e meu deu uma saudade enorme. Entrei na sede. Todos pararam o que estava fazendo. Era como um silêncio profundo e doído acontecesse na alma daqueles Escoteiros do mar. Tentei correr dali, minhas pernas falharam. Cai e bati a cabeça no cimento do pátio. Dois lobinhos e uma assistente correram para me ajudar. Chamaram uma ambulância e fui para um hospital comum. Recuperei minhas forças. Notei que Norma estava sempre lá a me visitar. Era uma assistente de lobinhos linda demais. Eu não esquecia Naldinha. Eu não esquecia nada. Eu só sabia chorar e afinal me perguntava: - Você é um homem ou um rato? Dizia isto em voz alta e Norma sorria. Não sei por que ela me deu forças. Hoje recuperei um pouco da minha coragem. Nunca mais fui o marinheiro que sonhava, mas agora era um Escoteiro do mar. Arrumei um emprego e hoje sou um Chefe de uma tropa que amo demais. O que aprendi ensino a eles com alegria. Eles me amam e eu amo todos eles.

Não adianta chorar e reclamar da vida. A luta é renhida e os fracos não tem vez. Não vou errar mais. Casei com Norma, somos felizes e mesmo lembrando de vez em quando da minha vida de cadete e quase oficial de marinha não me arrependo do que fiz. Aconteceu, não dá para mudar ao destino. Tudo para nós acontece uma só vez. E assim vamos aprendendo a cair e levantar. Hoje é um dia importante em minha vida. Carlinhos meu filho de sete anos como eu vai ser um Escoteiro do mar. Ele vai fazer sua promessa. Eu disse a ele que a vida era dele. Ele tinha de lutar sozinho por um lugar ao sol. Quando ele fez sua promessa de lobo Norma pegou na minha mão e apertou. Vi seus olhos cheios de lágrimas, lágrimas de orgulho. Ela sabia que eu faria tudo para que Carlinhos vencesse na profissão que escolhesse. Não direi a ele para ser um homem do mar. A vida é dele. Deixa-o crescer aprendendo a fazer fazendo. Neste natal eu quero agradecer a Deus o seu milagre. Poderia ter morrido, mas não morri. Se eu perdi não sei, mas ganhei uma família, uma não duas, Norma e Carlinhos e meu maravilhoso mundo dos Escoteiros do mar!

¶ Qual linda garça que aí vai cruzando os ares Vai navegando
Sob um belo céu de anil Minha galera Também vai cruzando os mares
Os verdes mares, Os mares verdes do Brasil. ¶.



Os contos de Natal. Maria.

**Olhe o que foi meu bom José, se apaixonar pela donzela
Dentre todas a mais bela, de toda sua Galileia.**

Nove horas, nuvens escuras cobriam o Bairro de Belém. Maria na janela de sua casinha olhava a rua com um sorriso inocente. Soprava um vento calmo e ela nem imaginava que prenunciava uma forte chuva que já despontava no horizonte. Maria tinha um sorriso maravilhoso. Aos setenta e quatro anos com seus cabelos curtos que um dia foram loiros e hoje de cor metálica parecia uma santa a abençoar os passantes na rua onde morava. Os vizinhos sorriam para ela, todos a conheciam e sabiam que ela sofria falta de memória, não tinha a mente fértil, quase não se lembrava do seu passado e o que aconteceu ontem e só o hoje ainda era lembrado. Ela sabia o que era felicidade, pois demonstrava isto a todo instante. Ainda lembrava quando José saiu para ir trabalhar na marcenaria. José seu marido era para ela tudo na vida. Não lembrava, mas sabia que foram muitos felizes e ainda eram. Uma pequena lembrança de Tiago. Onde ele andava? Foi até o portão. Sempre estava trancado com um cadeado, pois José toda manhã o trancava. Ela não podia sair pela rua. Se isto acontecesse se perderia, pois não tinha mais a mínima noção onde moravam.

**Casar com Debora ou com Sara meu bom José, você podia
E nada disso acontecia, mas você foi amar Maria.**

José trabalhava com afinco. Tinha dois aprendizes. Marcenaria pequena, mas muito procurada. Ele era considerado um dos melhores profissionais marceneiros na cidade. Maria para ele era tudo. Sempre a amou desde que a viu pela primeira vez com seu lindo uniforme de Bandeirante. Um azul que nunca mais esqueceu. Ela o olhou e sorriu. O trevo de quatro folhas estava em sua blusa e ele viu que tinha sonhado com ela. Apresentou-se. Ela sorria inocente. Era um amor perfeito. Casaram-se dois anos depois ela ainda com dezoito anos e ele com vinte e um. Seu pedido de continuar como bandeirante foi bem aceito por José. Como negar? Foram cinco anos de casamento para o nascimento de Tiago. Seu único filho. Maria lhe disse que era a mulher mais feliz do mundo. Ele não sabia por que não tiveram mais filhos. Desígnios de Deus? Sua

preocupação com Maria era enorme. Precisava trabalhar, mas tinha medo que ela um dia resolvesse passear pelo bairro. Sabia que ela nunca mais iria encontrar o caminho de volta. Ah! Doença que só Deus sabe e podia explicar.

**Você podia simplesmente, ser carpinteiro e trabalhar
Sem nunca ter que se exilar, e se esconder com Maria.**

Tiago infeliz nunca teve paz em seu casamento. Ele e Sara nunca conseguiram ter filhos. Sara ficou amarga, quase não conversavam e quando ele achava que estavam em paz os desentendimentos aconteciam. Ela não se perdoava por não ter condições de ser mãe. Chorava se chamava de desnaturada e muitas outras coisas. Tiago tentou convencê-la a adotar um bebê. Mas ela não queria. A preocupação de Tiago agora era com sua mãe. Seu pai nunca lhe pediu, mas ele sabia que em seus olhos havia a suplica de diariamente levar sua mãe para sua casa até ele voltar. Ele queria, mas Sara não. Eles brigaram tanto que Tiago desistiu. Não seria difícil para ele levar sua mãe todos os dias para sua casa, não era longe e no seu carrinho seria um pulo ir e voltar. Sara dizia: - Ela entra por uma porta e eu saio na outra! Dizer o que? Ele sabia do Alzheimer.

**Você podia simplesmente, ser carpinteiro e trabalhar
Sem nunca ter que se exilar, e se esconder com Maria.**

Maria sorriu ao ver o portão aberto. Lembrou-se das reuniões bandeirantes. Correu ao quarto e retirou de uma mala antiga seu uniforme. Estava guardado num Velho bau, mas muito desbotado. Vestiu. O chapéuzinho quase não serviu. Saiu sorrindo pelo portão sem saber para que lado seguir. Nenhum vizinho a viu subindo a rua em passadas simples e calmas. Passou por muitas pessoas que a cumprimentaram. Um sorriso espontâneo brotava em seu rosto. Viu um ponto de ônibus. Pegou o primeiro que passou. Perguntou ao Motorista onde era a reunião da Companhia das Bandeirantes. – Desculpe Dona, mas não sei! – Desceu em uma praça pensando ser a praça onde conheceu José. Alguém deu nela um empurrão. Sentiu várias mãos forçando a retirada de sua bolsa. Lá não tinha nada, nenhum documento. A bolsa estava vazia. Alguém lhe deu um chute e gritou – Velha danada, nem dinheiro tem! Maria sentiu uma dor enorme. Procurou um banco e sentou. O tempo foi passando e a fome chegou. Onde comer? Tinha de voltar para casa, lá ela tinha no forno um “quentado” do jantar de ontem que José deixou.

**Meu bom José você podia, ter muitos filhos com Maria
E teu ofício ensinar, como teu pai sempre fazia.**

José recebeu um telefonema. Trabalhava até tarde naquele 24 de dezembro para atender um amigo. Era um policial militar dizendo que sua esposa estava na 45ª Delegacia do Bairro do Jaçanã. José levou um choque. Como? Será que tinha se esquecido de trancar o portão? Não se perdoava por isto. Ligou para Tiago que chegou correndo com seu fusquinha. Foram direto para a Delegacia. Maria estava sentada em uma poltrona sorrindo e vestida com seu uniforme bandeirante. Tinha no colo um bebê lindo de olhos azuis. Uma menina de doze ou treze anos também bandeirante estava com ela. – Senhor José! – A bandeirante disse: - Eu a vi na Praça do Bom Jardim, sorrindo com esta criança no colo! Quando vi seu uniforme sabia que era

uma coordenadora Bandeirante. Chamei um guarda e fomos para a delegacia. Lá no fundo da sua bolsa tinha um telefone. Era o do Senhor! – E de quem é esta criança? José perguntou. – Ela disse que era sua neta! – disse o delegado. Veja como a criança sorri em seu colo. Ela a chama de Madalena! – José não sabia o que fazer. O delegado disse para levarem a criança. Ele se encarregaria de avisar ao Juizado de Menores.

**Porque sera meu bom José, que esse teu pobre filho um dia
Andou com estranhas ideias, que fizeram chorar Maria.**

Na casa de Tiago tudo era festa. Sara não tirava Madalena do colo. Ela sabia que o Juiz daria para ela adotar. Tiago era um marido mais feliz do mundo. José não cabia de contente. Maria só dizia que ganhou uma neta. Uma estrela brilhou no céu. No passado em uma manjedoura Jesus nasceu. Ali naquela casinha uma menina tinha muitos pais que a amavam. Feliz natal, que os sonhos seus se realizem!

**Me lembro às vezes de você, meu bom José, meu pobre amigo
Que dessa vida só queria, ser feliz com sua Maria.
Bom José. Nalva Aguiar**

Honra teu pai e tua mãe, a fim de que tenhas vida longa na terra que o Senhor, o teu Deus, te dá. Quem se nega a castigar seu filho não o ama; quem o ama não hesita em discipliná-lo. – Um conto dos dias atuais de Maria e seu esposo José.



**Contos de Natal.
E Sofia fugiu de casa na noite de natal!**

¶ Em algum lugar além do arco-íris bem lá no alto
Tem uma terra que eu ouvi falar Um dia numa canção de ninar ¶

- Sofia, hora de dormir, não fique emburrada. Amanhã Papai Noel vai deixar muitos presentes para você! – Não quero! Não quero o que pedi vocês não me deram. Diga a Papai Noel que leve tudo de volta! Eu só quero ser uma lobinha e vocês não deixaram. - Zenaide riu e apagou a luz. Sabia que ela ia dormir logo e amanhã com seus presentes seria só sorrisos. – Sofia sentou na cama quando sua mãe saiu. Ela tinha tomado uma decisão. Demorou mas para ela não tinha outra saída – Iria fugir de casa! – Afinal não era mais uma menininha, já ia fazer sete anos e se sentia dona de si. – Vou esperar todos dormirem e eles nunca mais me verão! – O dia estava amanhecendo, Sofia sorria. Ela estava em uma linda estrada cheia de flores, tinha rosas, jasmim, violetas e um perfume maravilhoso. O sol estava nascendo quando ao seu lado apareceu um Coelho, enorme, sorrindo. – Veja Sofia eu também sou um Escoteiro e vou levar você para a terra Maravilhosa onde moram todos os escoteiros!

¶ Em algum lugar além do arco-íris Os céus são azuis
E os sonhos que você ousa sonhar Realmente se realizam ¶.

Sofia não cabia em si de contente. Ela conhecia os coelhos e sabia que todos eles são bondosos e não ia lhe fazer mal. – Quer um biscoito Sofia? Disse o Coelho. – Como você chama senhor Coelho? – Eu Sofia? Em me chamo Shere Khan, sou da Alcateia dos sonhos. – Sofia sorriu novamente. Começou a comer o biscoito, não estava com fome, mas não ia desapontador o Shere Khan. Na curava daquela linda estradinha ela avistou uma oncinha parda. Ela estava chorando. Sofia se aproximou: - Porque choras Oncinha? Sofia eu me chamo Hathi. Pois é Hathi, veja aqui tudo é lindo, as flores são belas e o céu de um azul sem igual! – Não precisa chorar em um lugar tão bonito! - Você não sabe? Respondeu Hathi. Choro pela sua mãe, pelo seu pai, pelo seu irmãozinho Nequinha, eles sentem falta de você! Estão tristes na casa que você os deixou! – Mas eu vou voltar Oncinha, eu vou voltar um dia, só quero ser lobinha por algum tempo! – O Coelho Shere Khan fingia tristeza, mas ele por dentro sorria. Ele nunca mais iria deixá-la voltar para casa. E os três continuaram na estrada até que avistaram um enorme castelo. Negro, nuvens cinza cobriam seu teto. De vez em quando uma chama de fogo subia aos céus.

¶ Um dia vou fazer um pedido pra uma estrela E acordar bem além das nuvens
Onde problemas derretem como gotas de limão Acima das chaminés
É lá que você vai me encontrar Em algum lugar além do arco-íris Pássaros azuis voam
Pássaros voam por cima do arco-íris Então por que, por que eu também não posso? ¶

Sofia parou assustada. O Coelho Shere Khan gritou – Não pare, naquele castelo tem chocolate, tem sorvete, tem tudo que gostas e não tem agora! Hathi segurou com a pata o seu ombro. Não vá Sofia, vais encontrar uma feiticeira má, ela vai te prender na masmorra e nunca mais vai sair. O Coelho Shere Khan respondeu? Não acredita em mim Sofia, afinal sou um protetor dos lobinhos. - Ele mente Sofia, ele não é seu amigo, nunca foi – Disse Hathi. – Sofia viu o castelo mudar, ficou branco como a neve, uma fumacinha com cheiro gostoso de almoço da mamãe saía da chaminé. Sofia foi. – Entrou no castelo. Quis voltar e não pode. Uma mulher magra, com um chapéu

cônico na cabeça dava gargalhadas. Obrigado Shere Khan, vamos ter um lauto almoço.
- Um clarão se fez. Um enorme leão apareceu. Juba enorme, todos sabiam da sua força.
- Nela ninguém tasca! Berrou o leão. Venha comigo Sofia, sou o leão da montanha e amigo do lobo Akelá. Vou te proteger!

¶ Um dia vou fazer um pedido pra uma estrela E acordar bem além das nuvens
Onde problemas derretem como gotas de limão Acima das chaminés
É lá que você vai me encontrar Em algum lugar além do arco-íris Pássaros azuis voam
Pássaros voam por cima do arco-íris Então por que, por que eu também não posso? ¶

O Leão da Montanha pegou Sofia pela mão, deu um enorme urro e saiu do castelo levando Sofia e a Oncinha Hathi. Estava escurecendo, ela não viu mais o Leão da montanha. Ele tinha partido e não avisou. Hathi a oncinha também não estava ali, agora sozinha na estrada Sofia teve medo. Não havia lua, não havia estrelas, estava tudo escuro. Sofia começou a chorar. Não se sabe de onde milhares de vagalumes começaram a voar em volta de Sofia. Tudo ficou claro. Uma enorme Coruja pousou em seu ombro. - Não chore menininha. Vou levar você para a casa do Duende Cor de Rosa. Lá você poderá dormir e descansar. Tenho certeza que o Duende que se chamava Balu recebeu Sofia com um sorriso. - Vamos comer mocinha, amanhã vou levar você de volta para casa. Não sentes saudades? - Sinto Senhor Balu, mas ando muito triste minha mãe e meu pai não fazem nada do que peço. - Balu olhou nos olhos de Sofia. - Quantos anos tem mocinha? - Sou dona de mim Senhor Balu, já vou fazer sete anos! - Hummm! Pensou o Balu. E seu pai e sua mãe quantos anos têm? Minha mãe tem vinte e oito e meu pai trinta e dois.

¶ Se felizes passarinhos azuis voam Para além do arco-íris Por que, oh por que eu também não posso? E andaremos horas inteiras, sob o sol quente de verão! E pisaremos sobre a poeira que se eleva fina do chão! Longo é o caminho, longo, longo, Mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, Cantemos para não cansar! ¶

- É Sofia, você está ficando velha, veja no espelho e me diga, não está velha demais? - Sofia olhou em um enorme espelho da sala. Ela estava velha, cabelos brancos. - Esta aí não sou eu respondeu Sofia. - É sim disse o Balu. É você mesmo, afinal você não disse que sabe tudo? Não disse que já é dona da sua vida? Não fugiu de casa pensando que não precisava de ninguém? - Sofia começou a chorar. Chorou tanto que acordou no colo da sua mãe que a beijava. - Não chores meu amor. Sua mãe está aqui! Venha, já amanheceu o dia, vá ver seus presentes e não esqueça o envelope na árvore de natal!- Sofia desceu as escadas correndo. No envelope estava seu maior presente. A autorização para ela ser lobinha. Todos queriam que ela fosse no próximo sábado. - Sofia correu e pulou no colo do seu pai que sorria, sua mãe veio e os três ficaram abraçados e Sofia agradecendo seus sonhos. No alto da escada ela viu com muito amor o Balu, a Bagheera e Hathi. Todos sorriam para ela!

¶ E se os espinhos cortam a estrada E se o cansaço nos ferir, Que nossa voz se eleve mais forte, Pra mais alegria sentir! Longo é o caminho, longo, longo, Mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, Cantemos para não cansar!

E se a estrada é longa, imensa, Não poderemos esquecer, Que ela nos leva à luz, alegria, Verdade e ideal de viver! Longo é o caminho, longo, longo, Mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, Cantemos para não cansar! ¶

Toda letra aqui descrita é da canção - 'Over the Rainbow' do filme O Mágico de Oz!



Contos de Natal. Pedro o Pescador.

**Então é Natal, e o que você fez? O ano termina, e nasce outra vez.
Então é Natal, a festa Cristã. Do velho e do novo, do amor como um todo,
Então bom Natal, e um ano novo também que seja feliz quem souber o que é o bem.**

Ele não esperava. A menina era linda e o beijou no rosto. Era uma escoteira e sorria para ele. Ele tentou sorrir, mas viu muitas pessoas se aproximando o chamando de pedófilo e tantas coisas mais. Tentou correr e não conseguiu. Uma fome incrível e a fraqueza enorme. Tinha dois dias que só comeu um pão. As coisas não iam bem e nem os bons samaritanos que lhe davam um almoço ele encontrou. Começaram a bater nele de todo jeito. Eram muitos. Levou socos por todo corpo e no rosto. Um jovem tinha um bastão na mão e ele perdeu os sentidos. Ouvia a menina gritando que não era o que pensavam, era apenas um jogo. As outras Escoteiras podiam afirmar. Ninguém prestava atenção. Afinal era um homem asqueroso, barbudo, fedia e nem documentos tinha. Acordou em uma cama de hospital preso por uma algema a cama de aço. Ao lado um policial o olhava com asco. Começou a lembrar de quem era. Lembrou que saiu para pescar em seu barco e uma borrasca o jogou ao mar. Sabia nadar. Nadou tanto que nem se lembrava mais o que aconteceu.

**Então é Natal, pro enfermo e pro são pro rico e pro pobre, num só coração.
Então bom Natal, pro branco e pro negro amarelo e vermelho, pra paz afinal,
Então bom Natal, e um ano novo também que seja feliz quem, souber o que é o bem.**

Debora não se conformava. Ela e Raquel choravam o dia inteiro. Ele não teve culpa a culpa fora delas achando que podiam brincar e ficar por isto mesmo. Tentou convencer a Chefe Rebeca para ajudar, mas era natal, ela ia viajar para a casa de seus pais. O Chefe Batuel fora para a praia. Tentou sua mãe e a mãe de Raquel e nada. Elas sabiam que deixar aquele pobre homem preso e todo machucado seria demais. Afinal

eram Escoteiras, sempre fizeram uma boa ação, levavam a sério a lei e a promessa. Chamaram a patrulha. A Tropa se reuniu. Foram para a porta da delegacia. Ele ainda estava no hospital. Foram para lá. Ninguém as deixou entrarem. O Doutor Efraim se apiedou. Ouviu a história. Levou Debora e Raquel ao quarto do homem preso. Elas se ajoelharam e pediram perdão. Pedro lembrou de seu nome. O chamavam de Pedro o Pescador. Da Aldeia de Nazaré. Lembrou de Ezra sua esposa, chorou quando viu na sua mente Ioná e Jane suas lindas filhas. Sentou na cama do hospital e beijou as mãos das duas Escoteiras. O Policial tentou intervir, mas o Doutor Efraim o proibiu.

Então é Natal, o que a gente fez? O ano termina, e começa outra vez.

Então é Natal, a festa Cristã. Do velho e do novo, o amor como um todo,

Então bom Natal, e um ano novo também que seja feliz quem, souber o que é o bem.

Pedro começou a lembrar de sua vida. A sua Aldeia de Nazaré apareceu linda em sua mente. Era noite de natal e sua família devia estar na Capela a celebrar a chegada do filho de Deus. Sabia que seus amigos deviam estar rezando por ele. Lembrou-se de Ezra sua esposa, amada, linda, a mulher que ele escolhera para viver com ela por toda a vida. Quanto devia ter sentido sua falta. Porque ele se esqueceu de tudo? Afinal era feliz, pescava, os peixes davam seu sustento. Pobres sim, mas ele Ezra e suas filhas Ioná e Jane tinham tudo que queriam ter. Uma casinha a beira mar, um barco simples, mas feito com suas mãos. Amigos e uma aldeia que seriam deles para sempre. Nunca pensou em sair dali. Amava todos, amava sua família, amava seus amigos e suas aldeia.

Harehama há quem ama Harehama, há,

Então é Natal, e o que você fez? O ano termina, e nasce outra vez.

Hiroshima, Nagasaki, Mururoa, ha... É Natal, é Natal, é Natal.

Uma multidão de escoteiros e Escoteiras se aglomeraram em frente ao hospital. Eram seis da tarde do dia 24 de dezembro. O delegado chegou. Não teve jeito tinha de soltá-lo. – Pedro, disse o delegado, vou soltar você, mas não pode ficar aqui. Vou pedir que uma viatura o leve até sua aldeia. Fique lá, não venha aqui por uns bons tempos. Sua foto saiu no jornal e na TV se souberem que você está solto podem matá-lo. Mesmo sendo 24 de dezembro Debora convenceu seu pai a levá-lo no lugar da viatura policial. Pai a culpa é minha! Jerusa sua mãe se convenceu. Eu também vou. Partiram rumo a Aldeia de Nazaré. Chegaram lá por volta das onze da noite. A aldeia dormia. Mas ouviram um órgão tocando. Vinha da capela e ela estava cheia. Pedro o Pescador entrou. Um silencio profundo. Uma voz cortante no fundo da capela se ouviu – Pedro! É Você? Jesus amado. Você está vivo! – Ezra Ioná e Jane correram para abraçá-lo. A alegria estampou todos que estavam naquela capela humilde da cidade Nazaré. Debora chorava de alegria, abraçou seus pais. – Missão cumprida, disse. Sempre Alerta!

Então É Natal – Simone

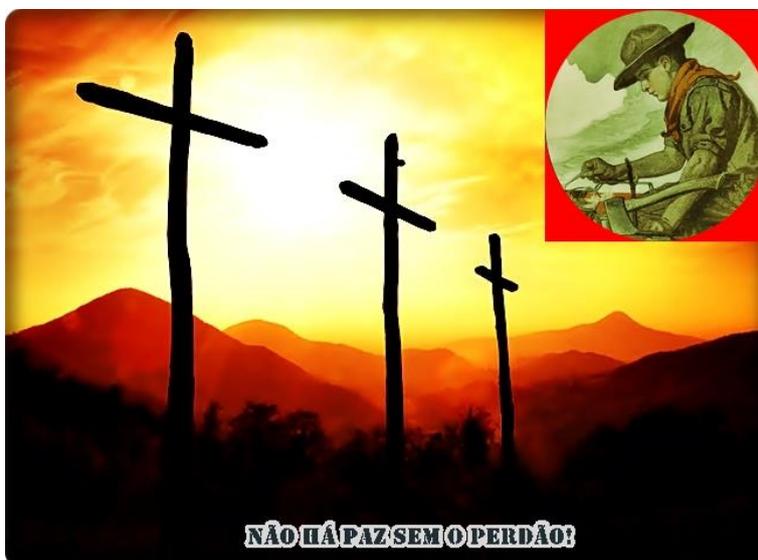
O milagre não é dar vida ao corpo extinto,

Ou luz ao cego, ou eloquência ao mudo...

Nem mudar água pura em vinho tinto...

Milagre é acreditarem nisso tudo!

Mario Quintana



Contos de Natal

O natal do fantasma Simão o Caolho!

**“Se você errou Se você errou, peça desculpas...
É difícil perdoar? Mas quem disse que é fácil se arrepender?”**

Manezinho estava de olhos arregalados. Nunca sentiu tanto medo na vida. Ele nunca deveria ter concordado com Zózimo seu amigo deste que nasceu. Afinal poderiam ter esperado o dia seguinte e não após as dez da noite encontrar sua patrulha que acampava no Riacho da Lontra. Eles amavam acampamentos e sempre querendo aproveitar o máximo. Liberato o Monitor saiu as duas de sexta um dia após o natal. Eles não puderam ir, precisavam participar de uma cerimônia na igreja. Combinaram de chegar lá por volta da meia noite. O acampamento duraria até segunda, pois era feriado municipal emendando com natal. Ambos vieram ao mundo no mesmo dia e na mesma hora. Eram vizinhos de parede e meia. Sua mãe amicíssima da mãe dele. Ambas lutavam para sobreviver, ambas perderam o marido para a capital. Disseram que lá iriam melhorar de vida e mandar uma carta para elas encontrarem com eles. Carta que nunca chegou. Passavam a maior parte do tempo juntos enquanto suas mães saíam para trabalhar. Eles se divertiam, faziam brincadeiras e quando entraram na pré-escola foi como se nova vida se formasse.

Um belo dia viram uns lobinhos brincando na praça, ficaram lá por horas e um deles contou como eles deveriam fazer para entrar também. As mães sempre bondosas foram com eles ao Grupo Escoteiro. O tempo foi passando e Manezinho e Zózimo amando aquela nova vida Escoteira. Faziam tudo juntos tanto nos lobos como quando passaram para a tropa. Só aceitaram a passagem se ficassem na mesma patrulha. Já

com seus treze e quase quatorze anos fizeram juntos a Jornada. Receberam a primeira classe no mesmo dia. Para eles era escotismo na terra e Deus no céu. Suas mães tanto insistiram que eles fizeram o catecismo juntos e ambos agora eram coroinhas ajudando nas missas salvo quando iam fazer atividade Escoteira. Deixaram isto bem claro para o Padre Nonô. Agora estavam ali, só os dois na Estrada dos Afonsos. Uma pequena estrada de terra com cercas de arame farpado dos dois lados. Já haviam percorrido três quilômetros. Faltavam outros quatro. Lembraram-se da curva do Demônio. Deus meu! Eles iriam passar lá por volta da meia noite!

“Se você sente algo diga... É difícil se abrir?

Mas quem disse que é fácil encontrar alguém que queira escutar”?

Zózimo olhou para Manezinho. Seus olhos esbugalhados nada diferiam do seu amigo. Ele se lembrava de como morreu na curva do Demônio o Simão, que todos chamavam de caolho. Não fazia muito tempo quem sabe uns dois anos. Simão era um pobre coitado sempre a sorrir e a fazer continência para os Escoteiros. Nunca falou palavras conforme os loucos de algumas cidades falam. Só vivia sorrindo e isto enfureceu Norberto, Tônico e Malaquias. Norberto tinha 19 anos um vagabundo, mas filho do prefeito Ladislau. Tônico era filho de Dona Iracema advogada de todos os grandões da cidade. Malaquias era um coitado. Não era nada apenas um puxa-saco dos dois amigos. Um dia se enfezaram com Simão o Caolho. Disseram que ele se fez de bonito com Dolores convidando-a para um passeio. Não deu outra. Jogaram ele na picape e o levaram até a curva do Demônio onde o mataram a pauladas. Lá já havia uma cruz de outro que morreu do mesmo jeito. Ninguém sabe quem foi, mas os três amanheceram em suas camas mortos com as mãos e as línguas cortadas.

Todo mundo conhecia a lenda da curva do Demônio. Nas noites de lua nova ninguém passava por lá. Se fosse era para encontrar com a figura fantasmagórica de Simão o Caolho. Eles olharam para o céu. – Diacho disse Manezinho, a lua era nova! Deram as mãos pedindo a Deus que os protegessem naquele dia de natal. Não deu outra, lá na frente Simão o Caolho, parecendo um espantalho jogava pedras em três figuras horrendas presas no arame farpado da cerca divisória. Simão quando os viu parou. Eles tremiam feito varas verdes. – Deus do céu, protegi aos seus filhos deste demônio! Disse Tônico. Simão olhou para eles – Chorava – Não entendem meu infortúnio? Eles me tiraram a vida! Não devem pagar pelo que fizeram? Os presos no arame eram horrendos. Todos eles sangrando, gritando para parar, pedindo perdão. Simão não parecia gostar do que fazia. Era uma alma atormentada e mesmo não querendo só fazia por vingar.

“Se alguém reclama de você, ouça... É difícil ouvir certas coisas?

Mas quem disse que é fácil ouvir você”?

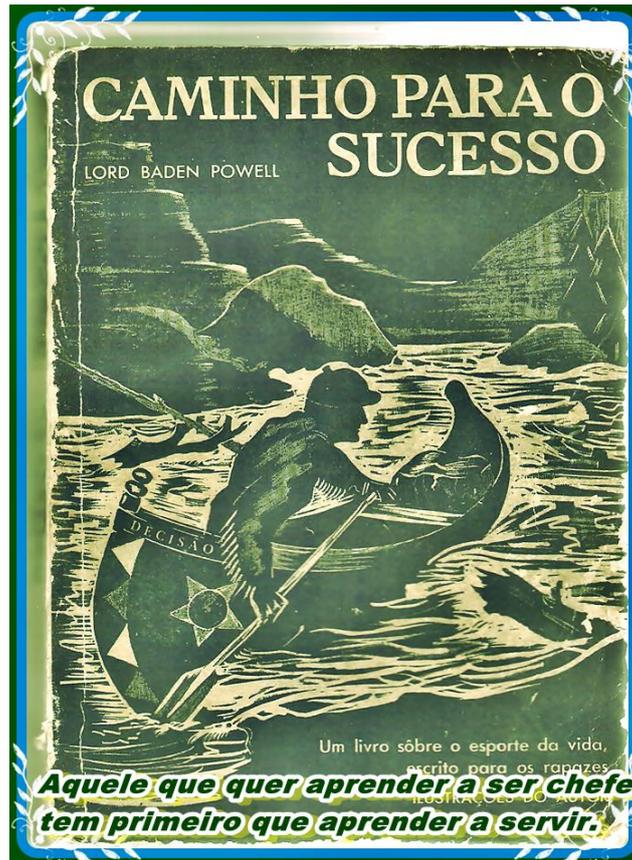
Não se apiedem deles! – Disse Simão. Eles tiraram minha vida! Eles tiraram tudo que eu tinha e o que eu poderia ter um dia. Não devem pagar? Simão não ria como os fantasmas faziam. Era um sorriso triste, não dava gargalhadas. Estava sofrendo e não sabia como evitar. Zózimo e Manezinho não sabiam o que dizer. Pensando em sua promessa, onde diziam que ajudar o próximo sem esperar nada era a obrigação de um Escoteiro. Ajoelharam – Olharam para Simão – Manezinho se lembrou de uma

passagem na bíblia que leu muitos vezes – “E aproximou-se (Jesus_ um leproso que, rogando-lhe e pondo-se de joelhos diante dele, lhe dizia: Se queres bem pode limpar-me).” – E completou – Se podes fazer alguma coisa, tem compaixão de nos, e ajuda-nos. E Jesus disse-lhe? Se tu pode crer, tudo é possível para os que crêem! Uma forte luz aconteceu. Manezinho e Zózimo ficaram estupefatos! – Uma criança sorria no ar, olhou para Simão, sorriu para ele. – Com uma voz doce e amiga disse – Simão, tudo na vida tem um começo e um fim. Sem o perdão você não vai conseguir ir para o céu! Um trovão se fez ribombar nos céus. Os três malfeitores se soltaram. Ajoelharam e chorando disseram – Perdoa Senhor!

A claridade em volta da curva do Demônio era um balsamo para aqueles vencidos e vencedores. Ouviram a voz do menino clara e em bom som: - Ide, procurem ajuda na seara do Senhor! – E você Simão, sei que choras se perdoou também será perdoado! – Um clarão enorme aconteceu. O céu voltou a ficar cheio de luzes das estrelas. Não havia mais ninguém ali. Simão e seus matadores se foram. Competia agora eles fazerem por merecer. Manezinho e Zózimo partiram para seu acampamento. Sabiam que agora a curva do Demônio acabou. Eles a chamariam a curva do Menino Jesus. Do alto da montanha viram o campo da patrulha. Iluminado, lá embaixo os patrulheiros em volta do fogo declamavam: -. Noite de Paz... Na noite mais linda encantada, um menino que de luz é revestido, vem trazendo a esperança desejada, mas nem sempre é por nós reconhecido!

- Sempre alerta patrulha! Ainda cabe mais um neste fogo! E todos sorriram e uma enorme estrela apareceu no céu. Os Escoteiros agora estavam protegidos pelo menino Jesus!

“Se alguém te ama, ame-o... É difícil entregar-se?
Mas quem disse que é fácil ser feliz?
Nem tudo é fácil na vida... Mas, com certeza, nada é impossível”...



Contos de natal.

E aí Pedrão Pioneiro, nada como um dia após o outro!

♪ “Em uma montanha bem perto do céu, se encontra uma lagoa azul
Que só a conhecem aqueles que têm a dita de estar em meu clã”!♪

E quem disse que a vida do Pedrão Pioneiro era fácil? Ele sabia que não, mas como bom Escoteiro que sempre foi enfrentava tudo com um sorriso nos lábios. Enquanto sua mãe cozinhava para a Fábrica de Motores ele podia estudar. Agora não mais. Ela ficara doente e a mandaram embora. Reclamou na justiça e eles recorreram. O advogado disse que poderiam protelar por muitos anos. Ficaram a Deus dar. Ele seu irmão Juventino de seis anos e sua mãe que já estava chegando aos setenta. Pedrão Pioneiro tinha 21 anos e trabalhava em uma loja de calçados. Salário Mínimo e comissão. Tirava uns mil e trezentos por mês. Pagava sua faculdade novecentos. Não dava para a família comer. Teve que trancar a matrícula. O pior aconteceu. Devido dar muita atenção a sua mãe que mal podia andar faltava muito ao serviço e foi demitido. Chorou e implorou ao seu Nonato para ficar. Nada feito. Seu Nonato foi inflexível. O pior que isto aconteceu uma semana antes do natal. Belo presente de Papai Noel pensou. O Clã partira para o Rio de Janeiro. Foram convidados por pioneiros cariocas a passarem o réveillon com eles. Ele não foi. Ir como? Sem dinheiro? Deixar sua família em dificuldade?

♪ “A sede de riscos que nunca se acaba, as rochas que há a escalar
O rio tranquilo que canta e que chora jamais poderei olvidar”. ♪

Pedrao Pioneiro soube que havia uma vaga na loja de calçados do shopping Sol Nascente. Levantou cedo e partiu. Seu dinheiro acabara e nem para o ônibus tinha mais. Seguiu a pé. Não era longe, menos de doze quilômetros. Quantas vezes ele fez mais que isto nos Escoteiros? Riu com as lembranças. Mas no fundo chorava sem ninguém ver. Ele sabia que só tinham alimentos para mais dois dias. Depois só Deus para ajudar. Quando atravessou a Avenida Rebouças uma multidão correndo. Ele se assustou e ficou em pé em frente a um bar que já havia descerrado suas portas. Vários policiais o agarraram e batendo com seus cassetetes gritavam – “Toma seus Black Bloc filhos da mãe”! Pedrao Pioneiro tinha ouvido pela TV da baderna que faziam. Cruz credo logo ele um Escoteiro, um amante da paz apanhando daquele jeito? Levaram-no preso para o oitavo distrito. Foi jogado em um camburão com mais seis. Um inferno! Não podia se mexer e feriu seus pulsos com a algema que lhe colocaram. Os que estavam com ele logo foram soltos. Na delegacia advogados estavam lá a espera. Ele? Um pobre coitado sem eira e nem beira e nem conversou com o delegado. O levaram para o cadeião de pinheiros. Jogaram-no em uma cela de três por quatro junto com mais vinte presos.

♪ “No alto da serra na gruta escondida, foi lá que eu fiz o meu lar”.
“Subindo e descendo com corda ligeira, eu vi o meu clã acampar”.

“Meu Deus!” rezava Pedrao Pioneiro. Ajuda minha mãe e meu irmão ela está doente e ele só tem seis anos! Pedrao Pioneiro no noticiário das seis apareceu como Chefe dos Black Bloc. – Preso o mais perigoso arruaceiro de São Paulo! Diziam em alto e bom som. Logo ele? Um Escoteiro? Uma pessoa que nunca fez mal a ninguém? Passou mais três dias na cadeia. Todas as noites seus olhos se enchiam de lágrimas a pensar em sua mãe e seu irmão. Dia 24 de dezembro véspera de natal ele foi solto. Esperava-o na Secretaria da Cadeia o Delegado Paulo Santos. Olá Pedrao Pioneiro, o que eles fizeram com você? O delegado Paulo Santos quando ele passou para Escoteiro com onze anos estava nos seniores fazendo a Ponte Pioneira. Pedrao Pioneiro tinha se esquecido dele, mas ele não se esqueceu de Pedrao Pioneiro. Foi ele quem o soltou. Deu uma carona até sua casa e Pedrao Pioneiro não aguentou. Chorou de felicidade em saber que amigos no escotismo são amigos para sempre. A surpresa maior foi ver na porta de sua casa dezenas de Escoteiros e chefes do seu grupo e de outros da redondeza. Eles souberam do acontecido e em nenhum momento acreditaram na acusação. Uma campanha do quilo e o problema da comida de Pedrao e sua família estava resolvido por alguns meses.

♪ “O sol no caminho, a seguir direciona, o vento estimula a andar,
Paredes e vidros e grandes rochedos, repetem o eco a cantar”! ♪

Era noite de natal. A mãe de Pedrao Pioneiro fez uma linda ceia. Convidou o Delegado Paulo Santos que ficou por alguns instantes. Tinha de partir para ficar com a família dele. Dois pioneiros que não viajaram para o Rio de Janeiro ficaram com ele até a meia noite. Uma parte resolvida pensou Pedrao Pioneiro. Pelo menos comida eles teriam por alguns meses, mas e depois? Pedrao Pioneiro sorria ao ver o irmão Juventino

brincando com amigos. Uma hora da manhã e uma perua parou em sua porta. Pedrão a viu, pois estava no portão vendo o belo céu cheio de estrelas. Viu que era a Perua da Loja de calçados que trabalhava. O próprio “Seu” Nonato desceu e chorando pediu desculpas a Pedrão Pioneiro. – Olhe eu fiz um cálculo errado na sua rescisão de contrato. Faltaram doze mil reais e fiz questão de trazê-lo pessoalmente. E quero que volte. Você foi nosso melhor funcionário que já tivemos. “Seu” Nonato, muito obrigado, mas não me tenha como vingativo. Eu agradeço, mas sabe? Com este dinheiro vou abrir na minha garagem uma lojinha de pequenas coisas. Minha mãe vai cuidar e tenho certeza que poderei estudar e voltar a tempo para administrar com ela! E a vida voltou a sorrir para Pedrão Pioneiro. Nada como um dia após o outro!

É melhor não contar, mas Pedrão Pioneiro se formou e hoje é dono de uma grande rede de lojas de calçados. Dizem que têm filiais até nas “Horopas e America”

Só dê ouvidos a quem te ama. Não te preocupes tanto com o que acham de ti. O que te salva não é o que os outros andam achando, mas é o que Deus sabe a teu respeito!

♪ “Põe tuas mágoas bem no fundo do bernal e sorri”!
O que importa é vencer o mal, mantenha sua alegria,
“Não importa você se zangar, pois o mal vai acabar”! ♪



Um conto de Natal. Do mundo nada se leva.

**Cabecinha boa de menino triste,
De menino triste que sofre sozinho,
Que sozinho sofre, e resiste...**

Valentine seguia pela rua deserta. Era dia ainda e ela não tinha medo, pois conhecia a todos no bairro onde morava. Tentou a casa de Marly e ela não estava. Era sua sub-monitora. Sentia um vazio tremendo. Não gostava de férias. O grupo Escoteiro

interrompia suas atividades e ela ficava sem saber o que fazer. Os chefes precisavam mudar de rumo, passear com suas famílias e ter uma folga merecida. Valentine só pensava em escotismo. Sempre foi boa filha e boa estudante, mas quanto tempo tinha que entrou e amou? Acreditava ser mais de nove anos. Lobinha, escoteira e agora guia. Porque não dar liberdade às patrulhas para fazerem atividades sem os chefes? Valentine caminhava devagar. Era véspera de natal e sua mãe em viagem pela firma prometera chegar no dia vinte e quatro sem falta. Sua avó materna era quem tomava conta. Valentine se acostumara e sabia que sua Avó tomava conta dela como se fosse sua mãe. Valentine ouviu um choro de uma criança recém-nascida. De onde vinha? Viu do outro lado da rua uma pequena cesta e correu atravessando a rua sem olhar. O que viu quase perdeu a respiração. Um lindo bebê de olhos azuis a sorrir para ela.

**Cabecinha boa de menino ausente,
Que de sofrer tanto se fez pensativo,
E não sabe mais o que sente...**

Pegou a cestinha e sorria de alegria. Mas o que fazer? Ir à delegacia? Ela estava tão sozinha em sua casa, e muitas das amigas viajando que pensou: Sempre sonhou em ter um bebê porque não este? Valentine tomou uma decisão não condizente com uma Guia Escoteira. Sem pensar levou a criança para sua casa. Tinha que escondê-la da sua Avó e de algumas visitas que costumavam aparecer. Entrou e foi direito para seu quarto. Uma parte da cama ela colocou o bebezinho. Correu a cozinha e fez uma mamadeira. Ela sabia como fazer. Tirou a especialidade de Babá. Ninguém notou nem mesmo quando de madrugada José chorou. Ela o chamava de José quem sabe para homenagear o esposo da virgem Maria. Assim como Jesus nasceu em uma manjedoura por um milagre, ela começou a acreditar que aquela criança seria seu milagre. Dois dias seguidos e ninguém desconfiou. Sua Avó era bem velhinha e meio surda. Isto ajudou muito nos planos de Valentine. Marly chegou de supetão ao seu quarto. Eram amigas e ela tinha plena liberdade de entrar e sair quando quisesse. Marly se assustou com a criança. Valentine explicou. – Impossível Valentine. Você sabe disto. Uma mentira não dura para sempre e você é uma escoteira tem honra e ética. Valentine chorava. Não queria perder o bebê. Mas qual a saída?

**Cabecinha boa de menino mudo,
Que não teve nada, que não pediu nada,
Pelo medo de perder tudo.**

Pediu a sua amiga Marly que não contasse nada para ninguém. Que ela esperasse até o natal e ela iria levá-lo a delegacia. Seriam apenas mais três dias. Marly mais nova que ela tinha a cabeça no lugar. Sabia que era errado o que ela queria fazer e seria errado ela esconder também. Mas adorava sua amiga viu em seus olhos pequenos lágrimas que desciam e ela teve pena. Virou cúmplice. Será que a Chefe Noêmia iria entender? Ela falava tanto da Lei Escoteira! Agora elas eram duas a cuidar do menino José. Sem perceber Marly começou a amar aquela criança. As noites ela dormia pensando como fazer para as duas ficarem com ela para sempre. Sabia que em sua casa era impossível. Nonô seu irmão mais novo “fuçava” em tudo. Ele logo iria descobrir. Onde então? Não vislumbrou nenhum local para criar a criança. Adotar? Mas elas eram tão novas! Valentine com desesseis e ela com quinze. Contar para o Padre

Zózimo? Ele nunca iria entender. Também nenhum Chefe do grupo iria compreender. Constance, Joelma, Mary e Nair da patrulha não poderiam saber. Correriam para contar as suas mães e o segredo iria para o brejo.

**Cabecinha boa de menino santo,
Que do alto se inclina sobre a água do mundo
Para mirar seu desencanto.**

Era o dia de Natal. Dia que elas se comprometeram ser o ultimo a viver com o menino José. Sabiam que no dia seguinte seria um martírio devolvê-lo a delegacia. Valentine sabia que ele seria levado ao Juizado e eles o encaminhariam para uma Vara da Infância e Juventude. Alguém um dia iria adotá-lo. Não poderia ser elas? Mas com esta idade? Sua mãe nunca iria concordar em entrar com um pedido de adoção. Valentine passou a pior véspera do natal de sua vida. Chorou o dia inteiro. Corria a dar tudo para o Bebê José. Teve hora que riu de si mesma pelos cuidados e ria mais ainda quando Marly chegava e queria disputar com ela os cuidados com o menino José. Valentine deixou o menino com Marly e foi comprar leite na padaria. Onde tinha encontrado a cestinha com o bebê ela viu uma mocinha sentada na calçada e chorando. Perguntou por que chorava e ela respondeu – Deixei meu filho recém-nascido aqui. O abandonei em uma hora de desespero. Agora me arrependi. Não sei quem o levou e onde ele foi parar. Valentine pegou sua mão, pare de chorar moça, seu filho está comigo. Venha, vamos a minha casa e você poderá ver que o tratamos como se fosse um filho nosso.

**Para ver passar numa onda lenta e fria,
A estrela perdida da felicidade
Que soube que não possuiria.**

Não há mais para contar. Mirtes a mãe de José foi com ela a sua casa e passou um natal com todos eles como nunca passou em sua vida. Era de família rica e sabia que eles não iriam entender a gravidez. Mas ela resolveu enfrentar a tudo e a todos. A mãe de Valentine chegou e a festa foi mais linda ainda. No dia seguinte Mirtes levou José para sempre. Deixou o endereço para um dia se quiserem visitá-lo. Era em uma cidade não muito longe. Insistiu para que elas fossem madrinhas. Valentine e Marly não paravam de chorar. Madrinhas? Seria uma honra! Quando o ônibus partiu Valentine e Marly abraçaram-se chorando. Elas sabiam que foi encontrada a melhor solução. Fizeram questão de contar para todos o que fizeram. Não houve recriminação, mas sua mãe a orientou que não deviam ter feito o que fizeram. Do mundo nada se leva e devemos perceber que os verdadeiros valores da vida devem ser feitos dentro da lei e da ordem. Isto antes que seja tarde demais...



Contos de Natal. Milagres existem, é só acreditar.

♪ “Rataplã do arrebol, Escoteiros vede a luz”!
Rataplã olhai o sol, do Brasil que nos conduz” ♪

Liminha não pensou duas vezes, se tinha de pular não ia discutir com o Monitor. Tomou distância e correu, pulou e quase alcançou a margem do outro lado. Não conseguiu, caiu por uns bons cinco metros e sentiu a pancada nas costas. Foi a primeira vez que sentiu uma dor enorme. Foi também que descobriram que ele estava com leucemia. Não foi assim tão rápido. Começou quando após a queda sentia uma dor de cabeça que não passava. Uma fraqueza e cansaço tremendo. Viu manchas arroxeadas na pele e sentia dor nos ossos e articulações. Apareceram outros sintomas, mas os médicos diagnosticaram facilmente. Liminha nunca pensou que podia ter esta doença. Era um Escoteiro alegre, Corredor, valente nas atividades e sempre se sobressaindo em tudo. Quando seus pais souberam acharam que o escotismo era o culpado. A dor é muito forte e achar a culpa de alguém é mais fácil para enfrentar o desespero que passavam. Liminha nunca chorou na presença dos seus amigos de patrulha. Aceitou e muitos estranharam por vê-lo sempre sorrindo.

♪ “Alerta, ó Escoteiros do Brasil, alerta!
Erguei para o ideal os corações e flor!
A mocidade ao sol da Pátria já desperta
A Pátria consagrai o vosso eterno amor” ♪.

Seus pais não mediram esforços para tentar uma cura. A leucemia era uma doença cruel. Primeiro os medicamentos e a poliquimioterapia. Era demais para ele. Mas com três meses começou a se sentir melhor. Exigiu voltar para sua patrulha. Não pediu e disse aos seus pais que sem o escotismo ele iria morrer logo. Na primeira reunião de patrulha disse para todos o que tinha, mas não queria compaixão – Vocês tem que me considerar como um igual. Se acharem que estou doente nunca mais eu conseguirei melhorar! O escotismo era um balsamo para Liminha. Não perdia um acampamento e com tristeza não pode participar de um bivaque. Seria muitos quilômetros e o próprio Chefe o aconselhou a não ir. Foi a primeira vez que Liminha o viu. Tinha quase sua idade e sem nenhum fio de cabelo, mas com um belo sorriso.

Ficaram amigos e seus pais ficaram mais ainda preocupados. Liminha apresentou seu amigo, mas ninguém via ninguém. Um amigo que foi tirado da sua imaginação, todos pensaram. A contra gosto aceitaram. Se isto o fazia feliz porque não? Liminha o chamava de Tércio. Passavam horas conversando.

♪ “Por entre os densos bosques e vergéis floridos,
Ecoem nossas vozes de alegria intensa!
E pelos campos fora em cânticos sentidos
Ressoe um hino avante à nossa Pátria imensa”! ♪.

Quatro meses depois Liminha teve outra recaída e desta vez passou meses internado no hospital. – Só um transplante de medula óssea poderia resolver, aconselharam. Mas e como achar um doador perfeito? Vários membros da família se revezaram nos exames, mas nenhum serviu. Liminha se tornou um exemplo para os internos do hospital. Vivia sempre sorrindo e contava longas histórias para os meninos internados no mesmo quarto que ele. Todos aprenderam a reconhecer quando Tércio estava com ele. Tércio sabia tantas histórias e mesmo não o vendo eles se divertiam. Até mesmo os Escoteiros da sua patrulha e da tropa gostavam de ir ao hospital para não só visitá-lo, mas para mandar um abraço a Tércio. Um Tércio que só Liminha conseguia ver. Liminha não melhorava. Pediu aos seus pais que trouxessem o seu uniforme. Gostaria que quando houvesse visita ele estivesse com ele. Era contra as normas do hospital, mas os médicos autorizaram. Quinze dias antes do natal Liminha piorou. Quase não falava. Os médicos comunicaram aos seus pais que não havia retorno. A vida de Liminha era uma questão de dias.

♪ “Unindo o passo firme à trilha do dever,
Tendo um Brasil feliz por nosso escopo e norte
Façamos ao futuro, em flores antever
A nova geração jovial confiante e forte”! ♪.

Liminha pediu e foi autorizado que fizessem uma reunião de tropa em uma área ajardinada do hospital. Era o dia 24 de dezembro. Ele foi em uma cadeira de rodas. O Chefe Escoteiro emocionado fazia tudo para que Liminha participasse sem notar que o programa tinha sido feito para sua participação. Liminha ria a valer nos jogos e gritava a mais não poder para Tércio seu amigo imaginário. No final da reunião na cerimônia de encerramento antes da bandeira Liminha pediu ao Chefe se seu Amigo Tércio poderia fazer a promessa. O Chefe Escoteiro não sabia o que dizer ou fazer. Os pais de Liminha em um canto choravam lágrimas doídas. – Deus oh Deus porque tudo isto? Dizia sua mãe em prantos. Liminha na cadeira de rodas foi até o centro da ferradura e apresentou seu amigo Tércio a tropa. Quando assustado o Chefe Escoteiro tomava a promessa uma forte luz azul se fez presente. Ninguém entendia nada, mas todos viram em uma névoa branca um menino de branco, com a meia saudação a dizer: - Eu prometo, pela minha honra, fazer o melhor possível para: Cumprir o meu dever para com Deus e a Pátria, ajudar o próximo em toda e qualquer ocasião e obedecer à lei do Escoteiro.

♪ “E se algum dia acaso a Pátria estremecida,
De súbito bradar: Alerta aos Escoteiros,
Alerta respondendo, à Pátria a nossa vida

**E as almas entregar iremos prazenteiros!
Alerta! Alerta! Sempre Alerta”! 🎵**

A emoção foi demais. Lágrimas foram derramadas por todos. Liminha assustou todo mundo quando ficou de pé e corria rindo em volta do arvoredado do pátio do hospital. Ele gritava: Não vá embora Tércio. Não me deixes! Quero ir com você! Todos viram um redemoinho que se elevava aos céus. Alguns juram que ouviram Tércio dizer que voltaria. Seria por pouco tempo. Liminha chorava e andando normalmente pediu aos seus pais que o levassem para casa. Os médicos sem saber o que fazer concordaram. No outro dia ele voltaria ao hospital. Liminha voltou, mas para surpresa de todo mundo ele estava curado. Não sentia mais nada. Um milagre. Um milagre de Natal. Tércio no céu sorria. Liminha na terra sorria. O mundo Escoteiro voltou a pensar que no escotismo tudo pode acontecer. Foi o próprio Liminha quem disse ao seu pai e sua mãe:

🎵 “Não é mais que um até logo,
Não é mais que um breve adeus” 🎵.



Contos de Natal. O último adeus do Velho Lobo.

Para ele seria o mesmo natal de sempre. A família reunida, os netos correndo pela casa, as conversas dos filhos, tudo muito parecido com os anos anteriores, mas sempre com um sabor especial. Quarta feira, 24 de dezembro. Ele acordou cedo. Tomou seus remédios e sem o desjejum partiu. Era sempre assim. Uma volta no bairro para sua caminhada matinal. Sabia que no retorno o café fumegante estaria pronto. A família sempre se reunia à tarde, e por volta da meia noite todos iam a mesa para se refastelarem com o magnífico manjar da Mama. Ele já havia notado uns lapsos de memória e sabia a tempos que seus pensamentos se misturavam. 🎵“A Santa Catarina pirolim pirolim pom pom, era filha do Rei”🎵. Sentiu-se cansado e sentou em um ponto de ônibus na avenida próxima a sua casa. Fechou os olhos para tentar fazer sua mente voltar ao presente. Não sabia como, mas o ônibus chegou e ele entrou. Sentou na frente. Porque fazia isto? Ele não sabia. Nunca fez isto antes. Na viagem que ele não

sabia o destino se lembrou do seu passado. Viu-se menino escoteiro na Mata do Morcego. Encurralado em uma árvore por uma jaguatirica. Ela o olhava com olhar amigo. Ele não acreditava. ♪”Acenda, Fogo, acenda, Acenda essa fogueira”. Aqueça minha tenda e ilumine essa clareira! ♪...

- Senhor aqui é o ponto final! – disse o motorista. – Mas como vou fazer para voltar? – Espere o próximo ônibus. Este vai se recolher a garagem! Ele desceu. Não sabia onde estava. Lembrou-se quando sênior acordou em um vale enorme, cheio de pássaros cantantes e uma cascata que faziam um barulhão. Ele não sabia onde estava quando saiu da barraca. Chegaram à noite perdidos e sem rumo certo. ♪ “Acorda escoteiro que o galo já cantou, cantou, cantou o galo já cantou... Co-co-ro-có.... ♪. Olhou para um lado e para o outro, uma enorme avenida e milhões de carros passando de um lado e de outro. Prédios enormes. Qual ônibus para voltar? Ele não sabia. Não sabia de mais nada. Esquecera seu telefone e endereço. Nunca saia com seus documentos, pois sua volta no quarteirão era pequena. Viu que nem dinheiro tinha – Seu guarda, preciso voltar para casa – Onde o senhor mora? – Não sei! – Seu nome? – Não lembro. Sei que me chamavam de Velho Lobo, eu fui escoteiro. – O guarda o olhou de esguelha. – Não posso ajudar, atravesse a rua e ande dois quarteirões. Vais encontrar uma viatura equipada com rádio. Quem sabe podem ajudar o senhor! ♪ “Avançam as Patrulhas, lá ao longe, lá ao longe. Avançam as Patrulhas, cantando com valor, lá ao longe!”“...

Teve medo ao atravessar. Nunca viu tanta gente correndo e querendo chegar do outro lado. Confundiu-se e no meio do caminho parou. Sua mente o levou até o Despenhadeiro do Lobo. Um medo incrível de escorregar e cair. Ele ficou pendurado em um galho e se não fosse o Nonato cozinheiro tinha morrido. ♪ “Rigor, Boom, rigor, boom. Vem correndo depressa Escoteiro Ajudar o cozinheiro a fazer um jantar supimpa, supimpa Parazibum, zibum” ♪. Parou no meio da avenida. Nunca sentiu tanto medo. Ninguém se preocupava com ele. Mesmo com seus 87 anos ele ainda pensava que podia manter o domínio de si mesmo. Em passadas largas atravessou a outra parte da avenida. Sentiu que alguém o segurava por trás e na frente um jovem lhe deu um murro na barriga. Ele sentiu uma dor tremenda. Ali na calçada estava sendo assaltado por pivetes e ninguém o socorreu. ♪ “Como é feliz o acampamento na floresta, Junto de nós passa um riacho a murmurar, cantam as aves em seus ninhos sempre em festa, o vento sopra a ramagem a cantar!” ♪. Uma moça o pegou com braço e mandou-o sentar próximo ao vão do MASP. Eram duas da tarde, ele precisava dos seus remédios. A fraqueza chegava e ele sabia que não ia aguentar.

Precisava comer. Em sua casa já teria almoçado. Lembrava que nem o café da manhã tomou. Levantou com dificuldade. Viu uma lanchonete, viu coxinhas, e bolinhos de carne. – Moço eu posso comer um e pagar depois? – O garçom riu. - Sem dinheiro necas meu Velho. Saiu andando em passos trôpegos. Começou a sentir tontura. Sabia por quê. A diabete fazia efeitos em seu corpo. ♪ “Quando se planta la bela polenta, la bela polenta, Se planta cosi. Se planta cosi. Oh!, oh!, oh!, bela polenta cossi” ♪. A tarde chegou de mansinho e as luzes dos postes se ascenderam. O frio começou a fazer efeito em seu corpo. Não tinha blusa. Uma senhora negra riu quando viu que ele tiritava de frio. Lembrou-se quando se aventurou no Deserto de Atacama e no Vale da Morte. No dia um calor de rachar a noite o frio era demais. – Venha comigo ela disse. Debaixo do viaduto tem fogueiras feitas pelos meus amigos. Ele foi. ♪ “Em Silêncio

acampamento, este canto vinde ouvir, são fagulhas da fogueira que nos dizem escoteiros a Servir” ♪...

A noite foi cruel. Mesmo em volta daquela fogueira ele pensava que não iria resistir até o outro dia. Carros passavam proximo buzinando. Era noite de natal e ele não se lembrava do seu nome, de sua família só lembrava-se do seu apelido. Velho Lobo. Lembrou-se também da subida no Pico da Manada no Peru. Dormiram encostados em uma enorme pedra onde cabia só dois e eram cinco! Foi lá que pela primeira vez viu a neve que caia em flocos brancos e lindos de ver. ♪ “Longo é o caminho, longo, longo, mas andaremos sem parar! Duro é o caminho, duro, duro, cantemos para não cansar!” ♪... Dormia e acordava, dormia assentado encostado a lateral do viaduto. Os seus novos amigos dormiam tendo como cobertor papelões que eles guardavam das lides onde recolhiam lixo reciclado para sobreviver. Ouviu ao longe alguém cantando uma canção de natal. Lembrava vagamente quando em uma reunião de Gilwell em um Jamboree alguém contou uma história de natal. A lembrança o emocionou. ♪ “Eu era um bom lobo um bom lobo de lei. Não estou mais lobando, o que fazer não sei, me sinto velho e fraco não sei mais lobear, logo a Gilwell Assim que eu possa vou voltar” ♪...

O dia amanheceu. Ele estava fora de si. Sentia falta de ar, tremia e quase não ficava em pé. Seu corpo não obedecia a sua mente. Como um robô saiu cambaleando pela rua. As pessoas desvencilhavam-se achando que ele estava embriagado. Até uma senhora disse bem alto – “Com esta idade e bêbado pela manhã”? Ele começou a se sentir mal. Uma dor enorme no peito. Sabia que era seu fim. Seus olhos se fecharam. ♪ “Prometo neste dia, cumprir a lei, sou teu escoteiro, Senhor e Rei. Eu te amarei pra sempre, cada vez mais. Senhor minha promessa, protegerás” ♪... Viu sua mãe sorrindo, como ela era bela e nova. Viu seus irmãos e irmãs que já tinham partido ali acenando. Fechou os olhos e esperou ser chamado para subir aos céus com eles. Acordou assustado em sua cama em seu quarto. Toda sua família em volta sorrindo. Era sua mulher, eram seus filhos, seus netos e vizinhos. O quarto cheio de gente. Bem vindo Papai, bem vindo marido, Vovô estava morrendo de saudades! Então não tinha morrido? Viu próximo uma jovem uniformizada de Escoteiro. – Quem é você? Foi sua esposa quem contou – Ela viu você caindo e dizendo ser um Velho Lobo. Sabia que você era um Escoteiro. Pediu um taxi e o levou ao pronto socorro. Telefonou para várias delegacias e uma delas já sabia do seu sumiço. Comunicaram por telefone. Ela meu marido, foi seu anjo de natal!

♪ “Bravo, bravo Bravo, bravíssimo, bravo, bravo bravo, bravíssimo bravo, bravíssimo bravo, bravíssimo bravo, bravo bravo, bravíssimo” ♪...



Contos de Natal.

Uma canção para o Canário Amarelo de Giacomo.

♪ Imagine que não há paraíso. É fácil se você tentar
Nenhum inferno abaixo de nós, acima de nós apenas o céu.
Imagine todas as pessoas vivendo para o hoje ♪.

Era apenas um filhotinho de canário amarelo caído do alto de uma castanheira em flor. Ficava em pé com dificuldade e já sabia que não podia voar. Sentiu-se só e abandonado. Sua mãe saiu para buscar o almoço e não voltou. Estava ali há horas e a fome só aumentando. Tentou um lugar para esconder, pois sua mamãe canária lhe dissera para tomar cuidado com o Gavião Malvado. Ele podia morrer se fosse encontrado só. Mas o que ele poderia fazer agora? Não podia andar e nem voar. Era muito pequeno e ali perdido naquela grama alta seria descoberto logo. Poderia ser pelo Gavião Malvado, poderia ser por um animal da floresta e poderia ser também pelo filhote de homem. Eles gostavam de machucar os pássaros da natureza. Fechou os olhos e chorou. Dizem que canário não chora, mas ele chorava. Saudades de sua mamãe canária, saudades do sua Tia A coruja Buraqueira. Ela também o protegia, mas desapareceu como o vento na tempestade.

♪ Imagine não existir países não é difícil de fazer,
Nada pelo que matar ou morrer e nenhuma religião também,
Imagine todas as pessoas vivendo a vida em paz. ♪.

Ele ouviu passos. Pequenos passos de um menino pequeno. Ele o viu. O filhote de Canário Amarelo tremeu. Era sua hora de morrer. Meninos não gostam de pássaros assim disse sua mamãe canária. O menino vestia de azul com um lenço verde e amarelo no pescoço e um boné azul também na cabeça. Ele não sabia o que era isto. Mas viu que o menino sorria, não o maltratou. Tentou falar com ele, mas ele não o ouvia. O menino viu que ele não podia andar nem voar. Saiu correndo e algum tempo depois voltou. Colocou em sua frente semente de arroz cozida. Em uma latinha havia água de beber. Ele viu que o menino de azul tinha um bom coração. Sentiu-se revigorado após comer e beber. O menino ficou ali, não foi embora. Um sorriso simples como a dizer – “Não tenha medo eu tomarei conta de você”. Ele dormiu em paz acreditando na paz do

menino de azul. Não sonhou. Canários não sonham. Acordou sozinho, pois o menino de azul se foi. De novo sozinho. De novo o medo. Agora tinha água e comida e mesmo assim ele não podia fugir dos seus predadores.

♪Você pode dizer que sou um sonhador
Mas não sou o único, tenho a esperança de que um dia,
Você se juntará a nós e o mundo será como um só♪.

A noite chegou. Ele não tinha medo da noite. Para ele o dia e a noite era igual. Gostava mais da noite, pois podia se esconder. Ganharia mais um dia na vida. Sabia que o menino de azul não ficaria ali por muito tempo. Viu ao longe um amarelo branco aparecendo. Era a alvorada. O dia estava chegando. Onde estaria o menino de azul que lhe deu água e comida? Onde ele foi? Não entendia porque ele sumiu. A comida não iria durar muitos dias. Ele era pequeno tinha de comer bastante. Sentiu seu corpo revigorar. Levantou as asas e ela bateu para cima e para baixo. Tomou distância em uma trilha correu e saltou para o espaço. Caiu feito uma abóbora madura. Ainda não estava na hora? Impossível, ele tinha de tentar e tentou muitas vezes. Qual foi sua surpresa que de tanto tentar levantou voo. Como era lindo voar. Rodopiou no ar varias vezes e quase foi engolido pelo Gavião Malvado que voava por trás. Ele não viu. Não sentiu o som de suas asas.

♪Imagine não existir posses me pergunto se você consegue
Sem necessidade de ganância ou fome uma irmandade do Homem
Imagine todas as pessoas compartilhando todo o mundo♪.

Ele viu ao longe uma onça parda olhando por um precipício e sabia que devia ser sua caça. Ele estava à espreita, mas não atacou. Vou baixo para ver e qual foi seu espanto quando viu o menino de azul caído no buraco fundo. Ele estava com os olhos fechados e parecia estar com dor, pois chorava e cantava baixinho – Meu Jesus me proteja, não deixe que nada aconteça comigo neste dia de natal. Meus pais irão chorar quando não me virem na ceia da meia noite. Senhor Jesus amado, não quero que eles chorem. O filhote de Canário Amarelo sabia que precisava fazer alguma coisa. O menino de azul o salvou e ele tinha de fazer o mesmo. Pousou em um galho de uma arvore e ficou pensando. Sentiu um esvoaçar nos céus. Milhares de Canários Amarelos o procuravam por todos os lugares. Sua mãe o viu, voou até ele e com bico o beijou varias vezes. Ele contou para sua mamãe sobre o menino de azul. Ela lhe disse para não se preocupar. Mandou-o ficar ali na espreita enquanto ela iria montar um plano para salvar o menino de azul.

♪Você pode dizer que sou um sonhador
Mas não sou o único tenho a esperança de que um dia
Você se juntará a nós e o mundo viverá como um só♪.

Não demorou muito tempo. Milhares ou milhões de canários chegaram com uma enorme rede de cipó feita por Araras vermelhas, tico tico da floresta, pardais das campinas verdejantes e tantos pássaros que agora só havia um objetivo. Tirar o menino de azul do buraco. Quinhentas andorinhas voaram por cima da Onça Parda. Não deram sossego e quando ela se sentiu bicada pelas andorinhas saiu em desabalada carreira.

Em pouco tempo os Canários Amarelos jogaram a rede em cima do menino de azul que assustado sentou no meio da rede e foi levado pelo ar até onde estava acantonada sua Alcateia. O deixaram ali e dezenas de lobinhos e lobinhas batiam palmas por tão belo espetáculo. O menino de azul foi salvo. Naquela noite de natal ele e sua família cantaram felizes por estarem juntos. Os pais não sabiam que ele salvou um Filhote de Canário Amarelo e eles o salvaram de morte certa. Ele nunca mais esqueceu este dia. Para ele o menino de azul foi o melhor natal de sua vida. Ele sabia que o que fizerdes de bem sempre terá em troca o dobro.

**Noite feliz, Noite feliz,
O Senhor, Deus de amor,
pobrezinho nasceu em Belém.
Eis na lapa Jesus, nosso bem.
Dorme em paz, oh Jesus.
Dorme em paz, oh Jesus.**

A canção Imagine tanto a letra como a musica é de autoria de John Lennon.



O escoteiro Juquinha e sua maravilhosa noite de Natal

Melhor do que todos os presentes por baixo da árvore de natal é a presença de uma família feliz.

Não conhecia a vida de Juquinha. Contaram-me de sua maneira de ser, e como ficou conhecido por todos os escoteiros de sua região. Claro todos vocês conhecem alguém como ele em suas tropas. Ele era aquele que não para quieto nas formaturas, estava sempre rindo, adorava o escotismo, é o primeiro a chegar e o último a sair. Inconfundível. Alguns chefes que procurei me disseram que tais escoteiros eram suas alegrias quando aos sábados encontramos aqueles jovens maravilhosos querendo

ser cidadãos, valorosos, sonhadores, enfim, qualidades reconhecidamente de escoteiros espalhados por todo o mundo. Claro, tenho certeza que existem vários Juquinha em seu Grupo Escoteiro.

Juquinha, disseram, naquela época era bem gordo para sua idade. Se aproximando dos catorze anos. Na patrulha o chamavam de “meio quilo”. Porque ninguém sabia. Risos. Deveria ser “uma tonelada”. O tempo não ajudou Juquinha a emagrecer. Claro seu corpo se transformou, mas continuava a ser o último da patrulha nas suas andanças com a tropa em atividades aventureiras. A patrulha não se incomodava com isto. Sempre gostavam dele e acostumaram ao seu jeito de ser. O que mais preocupava a patrulha era quando saiam para alguma atividade externa, onde sem transporte móvel, só podiam usar o “ETVV” (Empresa de Transporte Viação Vulcabrás – antiga marca de sapato usado por escoteiros exploradores - risos). Ou seja, a pé mesmo. Mas Juquinha estava aprendendo. Já estava caminhando para a primeira classe. Tecnicamente falando Juquinha era um “craque”. Sabia tudo de tudo. Até seu chefe quando tinha dúvida perguntava a ele.

Juquinha era assim. Persistente, muito obstinado. Resolvia-se fazer uma coisa fazia. Logo após entrar para os escoteiros, me contaram que ele resolveu fazer um forno de acampamento. Ficou na historia. Sem ninguém saber fez um bolo de chocolate e que toda a tropa se deliciou. Era escoteiro nato. Tinha um defeito. Era um sonhador. Ri quando me contaram. Ele acreditava mesmo nos seus sonhos. A história das Escarpas Pantaneira quando ele sumiu ficou gravado na mente de todos que lá estiveram. O que ele contou deixou a todos boquiaberto. Mas isto é outra historia claro a primeira historia de Juquinha em busca do vale dos sonhos.

Aquele fora um sábado alegre para todos menos para Juquinha. Ultimo dia em que a tropa se reunia, pois nas férias escolares ela também entrava em recesso. Ninguém tinha a menor dúvida que os chefes precisavam de um descanso para si e suas famílias. Todos entendiam, mas Juquinha não. Para ele o escotismo não podia parar. Como todos os anos ele já tinha planejado o que fazer com mais quatro amigos da patrulha e dois de outra. Nada que oferecesse perigo, e de pleno conhecimento de seus pais. Juquinha tinha passado na padaria do bairro, pois sua mãe tinha encomendado uma sacola de pães e outros tipos doces, pois como era sábado ela iria fazer um lanche. Conhecia todos lá. Quando chegava de uniforme o olhavam e o saudavam com o Sempre Alerta. Juquinha era bem querido. Sorriu com a sacola do lado para todos e saiu da padaria cantando o “Acampeí lá na montanha” Era a preferida dele. Nem reparou no garotinho magro, raquítico, com as roupas em frangalhos e com um canivete enorme em suas mãos o ameaçando.

Foi um susto. Ele pediu a sacola de pão ou matava Juquinha. Sumiu na esquina com a sacola. Correr não adiantava, ele sabia que não era rápido. Gritar achou que não era bom. O ladrão podia voltar e o ferir com o canivete. Deixou que ele levasse os Paes. Voltou à padaria e comprou outra fornada. Riram quando ele contou o que aconteceu. Disseram a ele que não era a primeira vez que o ladrão de pão tinha atacado. Em casa contou para sua mãe que o tranquilizou. Ela sabia o filho que tinha. Juquinha ficou pensativo. Começou a andar pelos arredores até que uma tarde o viu próximo a mesma padaria. Viu quando ele ameaçou uma senhora e tomando da sacola

de pão saiu em disparada. Juquinha tinha se colocado na esquina do outro lado e viu que ele parou de correr e andar normalmente. Era seu truque. Não ser confundido com um ladrão correndo. Juquinha a uns cem metros atrás o seguiu. Ele entrou em uma viela. Parou olhando os dois lados da rua e entrou num casebre.

Viu uma menina de uns três anos e outro menino de dois. A mãe chegou à porta e chamou os dois. Juquinha tomado de coragem bateu a porta. Ela a mãe o olhou assustada. Juquinha contou o que tinha acontecido. Ela começou a chorar. Disse que era culpada. Era doente, não tinha marido, não conseguiram a bolsa família, e até a escola não aceitava mais seu filho. Diziam que ele era um ladrão. Juquinha estava com os olhos cheios de lágrimas. Sua garganta estava seca. Prometeu à senhora que não iria contar para ninguém, mas ela precisa tomar uma atitude, um dia seu filho poderia ser morto tudo por causa de uns poucos pães. Foi para casa inconformado. Achava que a vida era boa para alguns e ruim para outros. Ele tinha tudo eles não tinham nada. Sua mãe contou-lhe um dia que o novo presidente do país disse que não iria descansar enquanto houvesse um brasileiro sem comida na mesa. Seria seu compromisso e pedia ajuda a todas as instituições, todos os partidos, universidade, imprensa e da juventude. Ele era da juventude escoteira e não tinha feito nada.

Resolveu fazer alguma coisa. Juquinha era assim. Agora não iria desistir jamais do seu intento. Não falou para sua mãe. Nem com seus amigos. Iria dar um natal aquela família que ela nunca tivera na vida. Planejou tudo. O que comprar como levar até eles na noite de natal. Mas o principal ele não tinha. Condições financeiras para abarcar a compra. Não desistiu. De manhã saiu à procura de uma solução. Parou em frente a um grande Banco muito conhecido na cidade. Entrou e estava apinhado de gente. Procurou o guarda e disse que queria falar com o gerente. O guarda o olhou com aquele olhar arrogante, como se ele não fosse ninguém. Era apenas um menino. Disse que ele tinha mais o que fazer, nenhum gerente ia atender a um menino. Juquinha não gritou. Sabia e cumpria a lei escoteira. O escoteiro é Cortez, educado, sabe à hora certa de dizer desculpa meu amigo, muito obrigado, tudo bem. Eu entendo.

Foi para casa. Vestiu seu uniforme escoteiro. Colocou seu chapéu de abas largas, verificou se seu meião estava com a linhagem correta. Seu lenço bem preso com o anel de couro. Pegou seu bastão. Há tempos não o utilizava. Voltou ao banco. O guarda o olhou de novo e não queria deixá-lo entrar. Ele ficou ali na porta em posição de descansar com seu bastão apurcado. Todos que entravam ele dizia – Quero falar com o gerente. O guarda não deixa. Dizem que não atende meninos. Um repórter viu aquilo e gostou. Perguntou o que ele queria com o gerente. Juquinha disse que era uma conversa particular. O repórter insistiu e Juquinha foi inflexível. O repórter ligou para sua emissora. Vieram dois camara-men. Começaram a filmar. Logo uma multidão se formou em frente ao banco. O Presidente da Instituição financeira viu tudo pela televisão. Ficou abismado. Ligou para o gerente do banco. Juquinha foi convidado a entrar.

O Diretor Técnico, o chefe da tropa, o Comissário Distrital e até o presidente regional viram tudo também e correram para o banco. Juquinha pediu ao gerente que não deixasse nenhum deles entrar. Era um assunto de homem para homem! O gerente começou a gostar daquele escoteiro gordo e sua obstinação. Quase riu quando ele disse

o que queria. A quantia não era pouca e teria que ser exata. Juquinha disse que tinha quer ser tudo. Ele não tinha nada. O gerente ligou para o Presidente do Banco. Este autorizou e queria fazer um grande marketing em cima do episódio. Juquinha disse que se fizessem propaganda ele não queria nada. Tinha de ser confidencial. O gerente ligou de novo para o presidente. Este tinha sido escoteiro. Sabia o que era um escoteiro. Tem uma só palavra, sua honra vale mais que a própria vida. Autorizou o pedido. Juquinha levou o dinheiro vivo. A porta do banco centenas de pessoas. Outros repórteres. Ele não disse nada. Seu pai veio correndo. Juquinha entrou no carro e partiram.

Interessante como se desenrolam os fatos quando são dedicados para o bem. Na noite de natal, Juquinha e todas as patrulhas de sua tropa marchavam pela rua em direção à casa do menino ladrão de pão. Em frente à casa, começaram a cantar a canção da promessa, depois cantaram noite feliz e a família assustada ficou da janela olhando desconfiada. Juquinha foi até lá. Convidou todos eles. Fizeram um círculo. Sentaram como se senta em um Fogo de Conselho sem fogo. Foi montado. A patrulha de Juquinha representou o nascimento de Jesus. Outra patrulha os Três Reis Magos e outra imitou o sermão da montanha, onde Jesus se dirigiu a uma multidão falando de seu reino. O bairro inteiro estava em volta dos escoteiros. Todos aplaudiram. Juquinha trouxe um bolo de chocolate. Ele tinha feito. Repartiu um pedacinho com todos em volta. Não deu para todo mundo.

Terminou o Fogo de Conselho. Os automóveis dos pais dos escoteiros começaram a chegar abarrotados. Pães, doces, caramelos, bombons, balas de mel. Pedacos de ilusões perdidas, mas uma luz de esperança. Eles não sabiam, mas achavam que Juquinha era o Papai Noel. Aquelas guloseimas coloridas, eram retalhinhos de sonhos de uma vida. Eram visão dourada dos filhos da família pobre. Mas não terminou aí. Vários brinquedos, muitas roupas, todas novas compradas e muitas doadas por generosos lojistas do bairro. Juquinha entregou um cheque para a mãe pobre de mais de trinta mil reais. Disse que era para começar uma nova vida em sua cidade do norte, pois ela havia contado que queria voltar para lá e viver em um pequeno sitio. Uma palma estrondosa da multidão. Olhe quem estivesse lá, nunca esqueceria. Tinha mais de setecentas pessoas. Todos rindo, cantando, uma festa para a família pobre.

Não havia mais o rosário de ilusão e a frustração daquela família ficou distante. As brumas embaçadas do tempo se foram como o vento em direção ao mar. O menino ladrão de pão chorava. Dizia que nunca mais, nunca mais faria aquilo novamente. Juquinha o abraçou. O menino arrependido lhe deu seu canivete que usava para assaltar de presente. Juquinha aceitou. Retribuiu dando a ele um uniforme completo de escoteiro que havia comprado na cantina escoteira. A imprensa chegou. A festa acabou. Ninguém conversou com os repórteres e jornalistas. As noticias foram picotadas no jornal noturno. A lembrança daquela noite nunca ficou apagada. Não houve festa na tropa. Não era para ter. Faz parte do escotismo. Juquinha sorria. Chefe, ele disse. - Eu fiz minha boa ação! Nada mais que isto. Uma pequena boa ação! Um dia quem sabe vou fazer uma maior!

O menino arrependido cresceu. Misericordiosas lembranças. O menino ladrão de pão nunca esqueceu aquela noite. Agradecia todo natal a Deus todo

**Poderoso, por haver transformado o menino ditoso neste homem feliz que hoje sou eu!
Um dia voltei naquela cidade. Não encontrei Juquinha. Ninguém sabia onde poderia encontrá-lo. Eu o trago no meu coração. Ele me deu outra vida. Graças a Deus e a ele agora sou um doutor. Formei-me e todos os anos nunca deixo de fazer o meu natal de Fogo de Conselho para os pobres meninos da vida.**



FIM